

Releitura sistemática de formas da tradição: entrevista com Marcus Vinicius de Freitas

Systematic re-reading of traditional forms: interview with Marcus Vinicius de Freitas

Letícia Malloy¹
Vitor Ceí²

Resumo: Marcus Vinicius de Freitas, professor, poeta e romancista de Belo Horizonte, tem se destacado no cenário da literatura brasileira contemporânea. Em entrevista concedida em março de 2018 ao projeto “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, que consiste em mapeamento da literatura brasileira do início do século XXI a partir da perspectiva dos próprios escritores, Freitas reflete a respeito de seu processo de composição artística e lança um olhar sobre sua trajetória literária, discorrendo acerca de autores e aspectos das tradições literárias com as quais busca dialogar. O autor também reflete sobre aspectos relativos ao quadro político e cultural dos últimos anos e as respostas éticas por ele demandadas.

Palavras-chave: Tradição literária; poesia brasileira contemporânea; romance brasileiro contemporâneo.

Abstract: Marcus Vinicius de Freitas, a professor, poet and novelist from Belo Horizonte, has stood out in the contemporary Brazilian literature scene. In an interview granted in March 2018 to the project “News from Current Brazilian Literature: Interviews”, which consists of a mapping of Brazilian Literature of the beginning of the 21st century from the perspective of the writers themselves, Freitas reflects upon his process of artistic composition and upon his literary trajectory, pondering over authors and aspects relating to literary traditions with which he seeks to interact. The writer also reflects upon aspects pertaining to the political and cultural framework of the latest years and the ethical response demanded by them.

Keywords: Literary tradition; contemporary brazilian poetry; contemporary brazilian novel.

Introdução

Marcus Vinicius de Freitas nasceu em Belo Horizonte, em 1959, onde vive até os dias atuais. Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, passou duas temporadas nos Estados Unidos, cursando o doutorado em Estudos Portugueses e Brasileiros na Brown University, entre 1996 e 2000, e posteriormente trabalhando como professor visitante na University of Massachusetts Amherst, em 2013, com bolsa da Cátedra Fulbright de Estudos Brasileiros.

Com um percurso que intercala a escrita de poemas e romances à elaboração de ensaios e reflexões críticas, Freitas tem se destacado no cenário da literatura brasileira contemporânea e no espaço acadêmico. Em 1997, foi duplamente

¹ Doutora em Estudos Literários (UFMG) e professora da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL).

² Doutor em Estudos Literários (UFMG), professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e líder do grupo de pesquisa Ética, Estética e Filosofia da Literatura.

contemplado pelo Prêmio Literário da Nova Inglaterra, promovido pelo Consulado Brasileiro em Boston, com o 1º lugar na categoria Poesia e menção honrosa na categoria Conto. Em 2002, o ensaísta recebeu menção honrosa no Prêmio Jabuti, categoria Biografia, pelo livro *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial, 1865-78* (Metalivros, 2001). Em 2007, foi um dos vencedores do Prêmio Petrobrás Cultural, na categoria Literatura, com o então inédito romance *Peixe Morto* (Autêntica, 2008). Em 2009, foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, na categoria romancista estreante, com o mesmo romance.

O percurso literário de Marcus Vinicius de Freitas também inclui as seguintes obras: *Lírica Seca & Contra-Regra do Jogo* (Cuatiara, 1993), *Sonetos Eróticos* (Edição do autor, 1997) e *No verso dessa canoa* (Flor&cultura, 2005). Destacam-se ainda, em sua produção teórico-crítica, os livros *Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Pedro II* (Editora da UFMG, 2002), e *Contradições da Modernidade* (Editora da UNICAMP, 2012).

Na entrevista que segue, concedida por e-mail em março de 2018, Marcus Vinicius de Freitas reflete a respeito de seu processo criativo e lança um olhar sobre sua trajetória literária, discorrendo acerca de autores e aspectos das tradições literárias com as quais busca dialogar. Comenta, ainda, a atual situação política no Brasil e compartilha com o leitor outras reflexões de ordem ética e estética.

No cerne das reflexões expostas por Marcus Vinicius de Freitas encontra-se a motivação do projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, que se apresenta como um esforço de mapear a literatura brasileira do início do século XXI pela perspectiva dos próprios escritores. A partir da realização e publicação de uma série de entrevistas com autores de todas as regiões do país, esse projeto pretende constituir-se em atividade voltada para a formação de leitores da literatura brasileira contemporânea, além de consistir em material de pesquisa para os futuros críticos e historiadores da literatura brasileira do início do século XXI.

Cada escritor possui um estilo e método de trabalho próprios. Em seus versos, é possível perceber duas características marcantes: uma relativa à adoção e à releitura sistemáticas de formas fixas da tradição poética; outra, caracterizada por Cláudio Murilo Leal, na orelha de *No verso dessa canoa* (Flor&cultura, 2005), como “linguagem descarnada”. Além disso, verificam-se em sua poesia

elementos e temas recorrentes, como a contemplação das paisagens urbana e rural da Nova Inglaterra e o erótico. Você poderia comentar as opções formais e temáticas que norteiam sua poética?

Em termos formais, vocês bem observam que a releitura sistemática de formas da tradição constitui um elemento central da minha poesia. Entendo que essa releitura propõe sempre uma invenção do novo sobre as formas consagradas, e não uma simples retomada das mesmas. Ao final de 2017, por exemplo, terminei um novo livro, composto de três poemas longos, no qual a *terza rima* é matéria de meditação e de fatura. Dizer da busca de linguagem enxuta é o mesmo que dizer poesia. Sem esse descarnamento de que fala o Cláudio Murilo, a tensão poética tenderia a se perder. Quanto aos temas, acho que o erotismo constitui uma matéria sempre presente na história da poesia, e não há nisso novidade. A Nova Inglaterra aparece muitas vezes porque a minha história pessoal foi muito marcada por experiências naquela parte dos EUA, e volta mesmo a reaparecer nesse novo conjunto, ainda inédito, que antes mencionei (risos...). Mas não se trata de uma obsessão, pois outras paisagens se cruzam igualmente nessa poética.

Polígrafo, você também escreve narrativas ficcionais e ensaios críticos e teóricos. *Peixe Morto* (Autêntica, 2008) abrange outros gêneros, como a carta, o diário, o relato de viagem e a narrativa policial, corroborando a perspectiva de que o romance, nos termos de Mikhail Bakhtin, é um gênero em devir, dotado de uma plasticidade que o revitaliza continuamente. Você poderia comentar as opções formais e temáticas que norteiam sua prosa?

A minha última coleção de poemas publicada em livro é de 2005, ainda que eu tenha feito um conjunto de poemas no twitter, entre 2011 e 2012. É que, desde aquele momento, investi mais na prosa. E, portanto, hoje, se vocês me perguntam qual é a minha escrita de eleição, eu diria que é o romance. Acabei de dizer que tenho um livro inédito de poemas, e pareceria uma contradição, diante desse fato, dizer que prefiro o romance. Mas é fato. Como é também fato que terminei agora em 2017 um novo romance de crime, na esteira do *Peixe morto*, que está em busca de editor. O romance encarna o grande gênero literário dos últimos duzentos anos, e continua sempre vivo.

Nesse sentido, entendo que o escritor por excelência, ainda nesse nosso tempo, é o romancista. Ser reconhecido como romancista é algo espetacular. O poeta dá ao leitor a possibilidade do autoconhecimento, mas o romancista dá ao mesmo leitor a possibilidade de conhecer o mundo e a infinita variedade de pessoas do mundo através da imaginação. Daí advém a largueza da sua empreitada. Em todos os sentidos, prosa e poesia se complementam, mas me encanta mais nesse momento o largo horizonte do romance. Como diz Vargas Llosa, seguindo Isaiah Berlin, o romance dá a ver a própria condição humana. Essa capacidade do gênero de sobreviver a tudo se deve muito à sua adaptabilidade constitutiva, como aponta Bakhtin, e que vocês bem lembraram. Por isso tudo cabe no romance, e a minha escrita ficcional evolui consciente dessa possibilidade do gênero. Escolhi para mim um subgênero específico, a história de crime, por gosto pessoal, mas igualmente porque conjugação de conhecimento e entretenimento que somente o romance de crime possibilita falta muito à literatura brasileira, e portanto há aqui um veio enorme da invenção a ser explorado.

Quanto ao ensaio, trata-se antes de tudo de uma tarefa acadêmica, mas que nem por isso me dá menos prazer. Estou agora às voltas com a escrita de um longo ensaio teórico-crítico sobre as relações entre literatura e economia, com foco nos anos iniciais da República no Brasil. Investigar um tema cultural traz também muito prazer ao escritor.

Em “A poesia quer subir”, poema 4 de *Redondilhas roubadas*, a voz poética afirma que “Só mesmo o barro do mundo/faz pra poesia uma casa;/o sentido mais profundo/nasce da matéria rasa”. Em que medida esses versos dizem das relações que você procura estabelecer entre significante e significado ao longo de seu processo criativo?

Menos do que as questões do signo, penso que aqueles versos falam mais propriamente do fato de que, a meu ver, o sublime em poesia não é um dado, mas uma meta a ser alcançada através de um exercício de ascese, uma escada, no sentido platônico do termo. O conjunto das *Redondilhas* foi construído nessa perspectiva. De um patamar aparentemente alto no começo, o conjunto propõe um mergulho na “matéria rasa” (o que - vocês têm razão - se expressa por um retorno ao momento

constitutivo da significação, e portanto a uma atenção ao significante ainda não atrelado a um signo codificado), um retorno à linguagem comum, para daí subir essa escada que, no horizonte, busca novamente um patamar alto. Se eu puder apontar um poeta brasileiro que faz esse exercício de maneira magistral, citaria Bruno Tolentino. Paralelamente, eu não sou um poeta do significante, no sentido “Manoel de Barros” do termo. Quando praticada de maneira recorrente, acho a metalinguagem uma chatice, uma chatice modernista que se revela falso brilhante, e que não tem, a meu ver, qualquer serventia literária.

Em sua trajetória literária, você acumula uma significativa produção poética, reunida em *No verso dessa canoa*, e é um dos vencedores do Prêmio Petrobrás Cultural 2007 na categoria Literatura, com o romance *Peixe morto*. No prólogo de *No verso dessa canoa* você afirma que sua obra teve largos intervalos de interrupção, sucessivas retomadas e reescritas, marchas, contramarchas e um nítido esforço de recriação sintática. Como você define sua trajetória literária? Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? E nessa trajetória, como você avalia a recepção de sua obra?

Eu comecei aos dezoito anos escrevendo poesia. Tentei a prosa de ficção, mas, no começo, não encontrei a forma. Ao longo dos meus vinte anos, na década de 1980, publiquei coisas esparsas, que foram reunidas na virada dos trinta anos em um duplo volume, intitulado *Lírica seca/Contra-regra do jogo*, publicado em 1992. Ali ficaram as gavetas da juventude, mas já se via também o interesse na retomada criativa das formas da tradição. Ao longo dos anos 1990, trabalhei com as coleções que acabaram reunidas em *No verso dessa canoa*, já em 2005. Dos quatro livros ali constantes, os *Sonetos Eróticos* foram publicados na íntegra separadamente, em 1997, em edição artesanal de 150 exemplares assinados. As *Redondilhas* foram publicadas esparsamente, e uma delas chegou a ganhar um prêmio literário na Nova Inglaterra (olha ela aí...). O *Canto do Tordo* e a *Barca da Dúvida* permaneceram inéditos até 2005. Mas, desde o começo dos anos 2000, com quarenta anos de idade, me senti afinal compelido à prosa de ficção, que sempre fora meu objetivo. Quando a recolha de livros de poesia saiu em 2005, eu já estava em pleno trabalho da prosa de ficção, depois de ter publicado os ensaios críticos sobre o Charles Hartt, com a alegria de ver um deles premiado com o Jabuti em 2002. O grande crítico e professor Lino

RE-UNIR, v. 6, nº 1, p. 8-19, 2019. ISSN – 2594-4916

Machado, lá do Espírito Santo, em conferência de apresentação de *No verso dessa canoa* feita à época do lançamento do livro, destacou que o sentido de fechamento de projeto daquele volume anunciava que outras formas deveriam estar para aparecer. Ele foi muito perspicaz na observação, porque eu já estava mesmo lutando para colocar de pé o meu primeiro romance. As primeiras páginas surgiram no ano 2000, quando eu ainda morava em Providence-RI, na Nova Inglaterra. Em 2004, transporte o enredo para a Belo Horizonte modernista e escrevi as primeiras vinte e cinco páginas, com elas encontrando o formato do livro. Mas as obrigações não me deixaram deslanchar. No final de 2006, uma chamada do programa Petrobras Cultural incluiu entre suas modalidades a escrita de romance. Para submeter um projeto, era necessário ter à mão vinte e cinco páginas de texto, e era exatamente o que eu tinha. Foi o empurrão que faltava, porque nada mais inspirador do que um *deadline*. Me candidatei e fui selecionado para escrever o *Peixe*, que foi terminado e publicado em 2008. Em 2009, o *Peixe* foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, na categoria autor estreante, e recebeu umas poucas, mas boas, críticas. Entre 2009 e 2011, voltei ao ensaio crítico-históriográfico, com *Contradições da Modernidade*, que saiu em 2011 pela UNICAMP, mas já com a ideia de um novo romance na cabeça. Enquanto a ideia não se desenvolvia, praticava o pentâmetro-oitavo lá no twitter (<https://twitter.com/marcusvfreitas>). Em 2013, voltei à Nova Inglaterra como professor convidado da Universidade de Massachusetts, e pensei que no isolamento de Amherst eu terminaria o romance. Tremendo engano. Avancei, mas não terminei. Em compensação, ali nasceu o poema “Meditação sob o carvalho seco”, que integra e dá nome ao livro de poesia agora pronto e ainda inédito. Entre 2016 e 2017, pude finalmente terminar o romance e o conjunto de poemas, e ainda avançar na escrita de um conjunto de crônicas ficcionais, que começaram como uma brincadeira no Facebook mas ganharam corpo e autonomia, e estão quase prontas em formato de livro, intitulado *Notas de estação*. O ano de 2017 foi muito ruim em termos do mercado editorial, com as editoras recusando todo projeto novo. Vamos ver se no ano corrente de 2018 esse conjunto de inéditos encontra o caminho da prensa. Publicar é necessário para seguir escrevendo, senão a gente se prende na reescrita. Enquanto os livros não saem, tento finalizar o ensaio sobre literatura e economia. Preciso passar dele para retomar os romances de crime.

A minha obra (nem sei se se pode falar em “obra”, mas mais propriamente em

obras, uma vez que são produções variadas, cujo ciclo está longe de ser completado) tem tido aqui e ali boa acolhida, sobretudo com prêmios. Ter recebido um jabutizinho por um ensaio, e dois outros prêmios por um romance indica boa disposição crítica. Mas com certeza eu sou um autor até esse momento à margem de um sistema mais amplo de circulação da literatura. Não cabe a mim discutir os motivos ou fundamentos dessa posição. O que faço é seguir escrevendo, sempre em busca de leitores.

Além dos diálogos estabelecidos com Fernando Pessoa em “Na beira do rio Providence” (*Redondilhas roubadas*, 1993-1998; *Canto do tordo*, 1997-2003), Robert Frost em “Praia de grosso cascalho” (*Redondilhas roubadas*, 1993-1998) e Edgar Allan Poe em *Barca da dúvida* (2000-2001), você retoma “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, em “Canto do tordo” (*Canto do tordo*, 1997-2003). Com que outros autores você procura estabelecer interlocuções? Em que medida a docência e a atividade de pesquisa participam da organização dos diálogos que você busca instaurar com facetas da tradição literária?

O trabalho intelectual e acadêmico faz parte da minha trajetória de escritor, pois assim ganho a vida. Então me parece natural que as atividades ali desenvolvidas apareçam na minha escrita ficcional e poética, como componente do que sou. No entanto, faço um esforço constante para que essas matérias e sobretudo o seu estilo não se imponham à escrita literária, mesmo em relação aos diálogos com a tradição. O motivo principal dessa vigilância eu já expliquei anteriormente: entendo que metalinguagem é um desvio criativo que só serve para sugar a força do escritor. Dizendo de outra forma, meu leitor ideal, aquele que visualizo ao escrever, não é o teórico ou o crítico da literatura, ou pelo menos não quero escrever primordialmente para estes. Nesse sentido, meu herói é o Tzvetan Todorov de *A literatura em perigo*, que afirma preferir a literatura à crítica, porque, na contemporaneidade, a literatura fala a toda gente, e a crítica fala aos críticos.

Em *Barca da dúvida*, você visita o relato sobre Noé apresentando a personagem bíblica como inquieta e ciosa da “(...) saúde/do exercício da dúvida” em face de comandos que não sabe classificar como divinos ou diabólicos. Além de retomar uma passagem do Antigo Testamento pela chave paródica, o mini-épico é organizado em verso livre e dividido em doze seções. Tais escolhas temáticas

e formais parecem nos remeter a algumas das principais opções estéticas feitas por John Milton em *Paraíso perdido*. Haveria em *Barca da dúvida* um esforço voltado à promoção de diálogos entre uma memória de leitura e uma forma poética atualizada à concisão exigida pelo tempo presente?

A pergunta de vocês já contém a resposta. Sim, a atualização das formas poéticas em face do presente constitui o horizonte geral da minha poesia, assim como da minha prosa de ficção, e a *Barca* não ficaria fora dessa linha. Mas, se esse procedimento remete a Milton, trata-se de um acaso das relações entre o poeta e a tradição, pois eu não sou um leitor de Milton. Não possuo mais do que a notícia escolar do poeta inglês, o qual, na loteria da nossa vida de leitor, não frequentou até hoje a minha cabeceira. A partir da sugestão de vocês, vou voltar a ele com a devida atenção. Mas essas relações não são improváveis de existir, mesmo que eu não seja um leitor miltoniano, como não sou um leitor de tanta gente maravilhosa que o acaso do percurso não trouxe à minha mesa. Se nunca fui leitor de Milton, por outro lado li muito Coleridge, muito Frost, muito Pessoa, entre outros, e aquelas linhas de força atravessam esses poetas.

Entre os anos de 2010 e 2012, você se valeu dos limites de espaço estabelecidos pelo *Twitter* para, nesta rede social, desenvolver uma forma fixa: o pentâmetro oitavo. Após as experiências de construção de versos restritos a cento e quarenta caracteres e de rápido retorno dado pelo leitor no ambiente virtual, ocorreram mudanças em seu processo criativo? Por que esse trabalho foi interrompido? De modo geral, como você analisa o engajamento de escritores contemporâneos em redes sociais?

Já mencionei esse trabalho, do qual gosto muito. Não tinha na memória que cobrisse tantos anos assim, lembrava mais do momento de 2011 e 2012. Como eu gosto de formas fixas, porque elas são exigentes, criei no *Twitter* uma estrutura, o pentâmetro oitavo, que se constitui de um conjunto de oito versos em redondilha menor, com uma separação central, uma espécie de cesura, marcada por um sinal de dois pontos que transforma o conjunto em duas quadras colocadas em diálogo. A separação entre os versos é feita por barras transversais, para economizar caracteres,

uma vez que o uso de vírgula ou ponto exige dois caracteres, e a barra apenas um. A forma é muito adequada para cobrir os 140 caracteres, e possibilita um raciocínio do tipo dispersão e recolhimento, ou de diálogo, no qual a primeira quadra constitui a proposição e a segunda a resposta. A luta é para tentar fazer que o poema tenha ao menos 138 caracteres, e que, nos melhores casos, atinja os 140 certinhos. Há um ou outro com 135 ou 136, mas são poucos, e há muitos com a marca de 140, ou seja formalmente perfeitos. Se o leitor vai ao começo da série, encontra lá os primeiros três ou quatro pentâmetros, que são metapoéticos (ali eles eram necessários, pois a forma é específica), e depois vai surgindo uma história, um vai-e-vem do eu-lírico, historieta na qual uma índia da tribo “twitter” sempre aparece. Ao todo são um pouco mais de setenta poemas. Por que parei de fazer? Talvez porque o procedimento ficou muito repetitivo para mim. Ainda assim, considero o conjunto muito bom e um exercício sensacional. Acho que minha poesia não mudou com os tweets, mas se reafirmou. Uma hora dessas tenho de verter a série para o livro, colocá-la no papel. As redes são lugares bons para o exercício, mas há que saber o limite, pois senão você fica preso em uma malha de poucos leitores, pensando que são muitos. O livro, o verso ou o romance pode nascer no blog ou no Facebook, mas precisa sair de lá se quiser alcançar mais leitores.

Como você experimenta o ato de recitar? Recitar, em sala de aula e fora dela, é recriar?

Eu fui ator durante muitos anos. Falar poesia sempre foi para mim um prazer, além de ser um instrumento muito importante no ensino de literatura, pois ouvir um poema ajuda muito a compreender o seu espectro de sentidos. Não diria que é recriar, mas sim dar ao poema a sua leitura básica, o solo de onde se pode começar a análise e a interpretação.

Diante do panorama da literatura brasileira atual, o que você vê? Que autores você tem lido? Gostaríamos que comentasse sobre suas principais inquietações e estímulos em face da produção literária brasileira contemporânea.

Olha, sem mencionar as tarefas acadêmicas, que obrigam à leitura de muita coisa, desde os ótimos Paulo Leminski e Orides Fontela até coisas boas e más de menos destaque, o que mais leio da poesia brasileira atual são alguns autores que, entendendo eu, tornar-se-ão clássicos mais cedo ou mais tarde, ainda que o atual sistema literário não lhes dê muita bola: Bruno Tolentino, Alberto da Cunha Melo, Ivan Junqueira, Alexei Bueno. Gosto muito também de Fernando Paixão, Adriano Spínola, Cláudio Murilo Leal e Armando Freitas Filho. Os últimos dez anos têm sido a década das escritoras, sobretudo na poesia, mas é preciso ainda esperar que a poeira se assente para saber quem fica. Não há como não apostar que Ana Martins Marques veio para ficar.

Em termos de prosa contemporânea, continuo considerando Domingos Pellegrini um dos maiores romancistas brasileiros de qualquer época. Marçal Aquino, Daniel Galera e Carola Saavedra frequentam a minha cabeceira, e são muito bem vindos, ao lado de Philip Roth, Vargas Llosa, Andrea Camilleri, Lídia Jorge, Haruki Murakami, para citar alguns dos meus contemporâneos favoritos. Minha inquietação maior é o fato de que a literatura brasileira ainda não se livrou da obsessão sociológica que Silvio Romero lhe impôs ao reclamar da ausência de cor local nos textos Machado. O piparote do bruxo não foi suficiente para espantar os sociólogos de plantão.

Quais os principais desafios para a edição de novos escritores no Brasil de hoje?

O principal é o desafio circular de sempre: a editora quer lançar um *best seller*, pois afinal o lucro é legítimo e ela precisa vender livros para sobreviver; para encontrar um *best seller*, precisa apostar em alguém, pois os escritores famosos já têm editores, e o sonho editorial é o de encontrar o seu autor famoso antes que outro o encontre; mas, como apostar em alguém que ainda não é um *best seller*, pois ninguém o conhece? E assim gira a roda... Somos todos - escritores, editores, leitores e livreiros - tolhidos pela existência de um público leitor muito pequeno, que obriga as editoras a restringir as apostas, e nessa ordem de coisas o escritor novo fica em apuros, assim como muitos já calejados (risos). Somente o aumento do público leitor pode abrir mais portas para novos escritores e novas apostas.

Atualmente, no Brasil e no exterior, vivemos a ascensão de uma onda

reacionária que traz em si matizes racistas, fascistas, misóginos e homofóbicos. Gostaríamos que você nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que podemos esperar como coda do atual estágio da humanidade?

Sobre os rumos da humanidade não me atrevo a palpitar. Mal dou conta do meu jardim. Tentando responder à pergunta, penso que as jornadas de 2013 no Brasil, até aqui muito mal analisadas, pelo fato de que elas são encobertas pelo véu ideológico de um cabo de guerra, podem ser consideradas um ponto importante para a compreensão de algumas mudanças importantes no nosso cenário. Esse cenário, que é visto pela maioria como a ascensão de uma onda reacionária, parece-me ser realmente menos espectral do que aparenta. Entendo que houve em todo o mundo, desde os anos 1960, uma hegemonia cultural do discurso de esquerda, mas que a direita mais cínica, atrabiliária e tosca aprendeu a usar e decidiu manipular as mesmas armas midiáticas, o que tomou ares de onda. O mundo não está mais reacionário do que antes, apenas a propriedade midiática da esquerda tem sido colocada em xeque com o uso das suas mesmas armas populistas, e isso gera um sentimento de desconforto por parte do discurso hegemônico. Note-se, por exemplo, o fato de que o conceito de “pós-verdade”, tão apropriado para descrever a ascensão de um Trump, possui sua origem na filosofia anti-humanista e desconstrucionista pós-moderna, de Foucault a Derrida. Quando Derrida diz que a língua não remete ao mundo, e sim ao sistema da língua, ou seja que estamos num mundo de pura linguagem, ele está, sem prever, dando a um manipulador de linguagens como Trump a sua futura justificativa. Quando todos nós, na universidade, há três ou quatro décadas, passamos a usar aspas na palavra verdade – para assim desconstruí-la, como se essa negação da verdade fosse um ato político de resistência cultural contra o sistema do capital -, estávamos plantando a lógica das Fake News. O que espanta o *establishment* reacionário de esquerda, e aqui têm-se a novidade, é a audácia dos reacionários de direita em tomar-lhes a cria, as armas midiáticas populistas, e voltá-las contra a própria esquerda e o sistema cultural. Daí o sentimento de que se está diante de uma onda, mas acho que tudo isso é menor do que aparenta ser. Essa me parece ser uma guerra cultural que não diz respeito às necessidades da maioria das pessoas. Eu, como

liberal, e portanto alguém distante tanto de um lado quanto do outro desse cabo de guerra, não faço mais do que rir desses irmãos siameses, esquerda e direita, ambos reacionários, espelho uns dos outros. Para usar um exemplo distante de nós - e por ser distante pode servir de metáfora -, digo que os peruanos Ollanta Humala e Alberto Fujimori são o reflexo um do outro. Entre os dois, fico com o liberal Vargas Llosa, o maior escritor vivo, e um dos maiores de todos os tempos.

REFERÊNCIAS

- FREITAS, Marcus Vinicius de. *Contradições da Modernidade: o jornal Aurora Brasileira (1873-1875)*. 1. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.
- _____. *Peixe Morto*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- _____. *No verso dessa canoa*. 1a. ed. Vitória, ES: Flor&cultura, 2005.
- _____. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Pedro II*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2002.
- _____. *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial (1865-78)*. 1. ed. São Paulo: Metalivros, 2001.
- _____. *Sonetos Eróticos*. 1. ed. Providence, RI: Edição do autor, 1997.
- _____. *Lírica Seca & Contra-Regra do Jogo*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Cuatiara, 1993.